

O NEGRO QUE “ODEIA” O BRANCO: UM ESTUDO SOBRE O CONTO O BATIZADO, DE CUTI

Paula Fabrisia Fontinele de SÁ (Universidade Federal do Piauí)

RESUMO: o presente artigo reflete sobre a necessidade de pensar o “ser negro” na sociedade brasileira. Nesse sentido, faz-se um estudo sobre o conto *O Batizado*, de Cuti, com o objetivo de refletir sobre a condição do negro que, sempre se submetendo ao branco, mostra ainda ser escravo do passado. Desse modo, em um processo de reconstrução dos sujeitos sociais, a literatura dá voz e vez ao negro que passa a discutir (ele mesmo) a sua situação. Assim sendo, este trabalho toma como base principalmente os estudos de Frantz Fanon (2008) e Homi K. Bhabha (1998), nos quais, ambos discutem a relação branco-negro (colonizador-colonizado).

PALAVRAS-CHAVES: Fanon. Negro. Branco.

1 Introdução

Para conquistar o mundo foi preciso, primeiramente, sonhá-lo.
Édouard Glissant

Ao longo da nossa história, o fenômeno da mistura de raças e culturas recebeu inúmeros tratamentos, pois a mestiçagem é um dado que se sobressai na nossa constituição como povo. O Brasil é, por isso, um país marcado pela hibridez. Vivemos em um constante processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, e estas evidenciam a ausência de uma identidade nacional una e coesa. Assim sendo, o Brasil não é um país nem preto e nem branco, mas mestiço. A mestiçagem é, portanto, uma marca (talvez a mais relevante) da nossa identidade nacional.

Desde o período colonial, o trabalho dos afro-brasileiros se faz presente em vários campos da atividade artística, mas nem sempre sendo reconhecidos. No caso da literatura, essa produção sofre impedimentos vários que vão desde o apagamento da história dos escravizados e seus descendentes até o problema da materialização dessas histórias em livro, tendo em vista que muitos textos, quando circularam, foram de forma restrita.

No entanto, nos anos de 1978, a postura nacional começou a mudar a partir do surgimento do Movimento negro e da fundação no Brasil de grupos como o Quilombhoje¹. Nesse contexto, procurando tornar mais conhecida a produção literária dos afro-brasileiros bem como reconhecer a oposição entre brancos e negros existente na sociedade, destacamos os trabalhos do poeta Cuti (Luiz Silva). Este escritor foi um dos fundadores do grupo literário Quilombhoje e um dos criadores e mantenedores da série Cadernos Negros, livro que reúne contos e poemas que discutem a imagem do negro em uma literatura elaborada por eles próprios.

Dentre os diversos contos dessa série estudaremos neste trabalho, *O Batizado*, do autor supra. Tal conto é bastante significativo dado que o autor, de uma maneira divertida, nos apresenta um personagem negro de posições extremadas, o negro que “odeia” o branco. Nesse sentido, as linhas teóricas que orientam este trabalho são os estudos de Frantz Fanon e Homi K. Bhabha. Em Fanon (2008), salientaremos suas idéias sobre a situação do negro que, segundo o autor, é um ser dilacerado e psicologicamente desestruturado. Bhabha (1998)

¹ Grupo de escritores que se reuniram com o objetivo de divulgar a produção afro-descendente.

contribuirá por levantar questões sobre a representação estereotípica do negro, visto sempre como alteridade.

Dessa forma, em um processo de construção e reconstrução dos sujeitos sociais, a literatura afro-brasileira revela uma nova identidade literária de modo que o negro sai da condição de escravo, alienado e passa a ser sujeito (com voz e vez) de sua própria escritura. O negro na literatura passa, assim, a ser discutido não mais como objeto, mas como sujeito de suas ações.

2 O negro que “odeia” o branco

Um modo negro de ver e sentir o mundo, [...] pelo desejo de resgatar uma memória negra esquecida.
Luis Gama

A identidade de uma nação é construída por meio de características étnicas. No entanto, as identidades são dinâmicas e estão sempre se atualizando, renovando-se na teia das relações sociais. Desse modo, o processo de mudança por qual passa o indivíduo moderno é chamado por Stuart Hall (2003), de “crise de identidade”.

A identidade só se torna uma questão quando ela está em crise, segundo Hall (2003, p.9), as transformações nas sociedades modernas estão “mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados”. Entretanto, esse processo de mudança representa algo fundamental e abrangente para o desenvolvimento cultural de um povo.

Nesse contexto, este trabalho abordará questões que remetem a um aspecto de identidade: a identidade negra. A crise da identidade negra surge quando, por conta da colonização, valores humanos e culturais são negados, uma vez que, “antes de ter contato com o branco, o colonizado/o negro não se sente inferior a nenhuma outra raça” (FIGUEIREDO, 1998, p 64).

Isto posto estudaremos a partir do teórico Frantz Fanon (2008) e Homi K. Bhabha (1998) a relação branco-negro (colonizador-colonizado) e suas implicações no mundo do homem de cor.

Fanon é um pensador negro que influenciou muitas das gerações revolucionárias dos anos 60 na África e na América Latina. Em seu livro *Pele negra máscaras brancas* (2008), tal autor tenta compreender o que ele chama de psicopatologia² do negro. Dessa maneira, Fanon busca entender o comportamento e o modo de vida dos negros.

O problema é saber se é possível ao negro superar seu sentimento de diminuição, expulsar de sua vida o caráter compulsivo, tão semelhante ao comportamento fóbico. No negro existe uma exacerbação afetiva, uma raiva em se sentir pequeno, uma incapacidade de qualquer comunhão humana que o confina em um isolamento intolerável. (FANON, 2008, p. 59)

Para Fanon, o negro é psicologicamente desestruturado dada a sua condição de subserviência ao branco. Segundo esse pensador, o homem de cor se desestrutura a partir de seu contato com o colonizador, pois “uma criança negra, normal, tendo crescido no seio de uma família normal, ficará anormal ao menor contacto com o mundo do branco” (FANON, 2008, p. 129). De acordo com o autor supracitado, “o preto é, na máxima acepção do termo, uma vítima da civilização branca” (FANON, 2008, p. 162).

² Segundo Houaiss (2002) é a “explicação para as modificações do modo de vida, do comportamento e da personalidade de um indivíduo, que se desviam da norma e/ou ocasionam sofrimento e são tidas como expressão de doenças mentais”.

O negro quer ser como o branco. Para o negro não há senão um destino. E ele é branco. Já faz muito tempo que o negro admitiu a superioridade indiscutível do branco e todos os seus esforços tendem a realizar uma existência branca. (FANON, 2008, p. 188)

É nesse sentido que em, *O Batizado*, Cuti nos apresenta as complexidades do papel a ser assumido pelo negro na sociedade brasileira por meio dos dilemas e das angústias presentes em uma família negra. Neste conto, conhecemos o personagem Paulino, um jovem negro de posições extremadas (ele combate todo e qualquer valor do homem branco) e, ao longo do conto, busca resgatar e fazer refletir sobre a identidade renegada do homem de cor.

O conto descreve a comemoração do batizado de uma criança afrodescendente: “era o sentimento de continuidade numa segunda geração ali sendo comemorado, ganhando âmbito de suas relações sociais. O primeiro neto sendo festejado, depois de um batismo cheio de cumprimentos, respeito, orgulho...” (CUTI, 1998, p. 45).

A família, representada no conto, demonstra muita preocupação com a festa, houve um grande investimento financeiro para que os presentes (os brancos) não fizessem nenhuma crítica negativa. No entanto, havia Paulino, o tio da criança batizada, que manifesta oposição àquela comemoração, pois o batismo é característica de uma religião branca. Para Paulino, “enquanto nós negros continuarmos a ter padrinhos brancos que zombam dos nossos verdadeiros valores, nunca vamos ter dignidade. A nossa religião não vai iniciar nenhuma criança. A gente tá se destruindo!” (CUTI, 1998, p. 47).

A família de Paulino, assim como a maioria das famílias afro-brasileiras, preocupa-se com a maneira que o negro é visto pela sociedade dos brancos e, dessa forma, tentam sempre se adequar ao modo de vida deles. Para Fanon, os negros identificam-se com o colonizador (o civilizador, para eles) adotando, assim, os valores dos brancos. No conto em questão, podemos encontrar a valorização da religião dos brancos, do nome, do comportamento, da aparência. Os negros acabam adotando, subjetivamente, uma atitude de branco e passam, então, a enxergar o mundo a partir da visão deles.

JOANA com as mãos no rosto, a vergonha queimando as faces. Seu temor da desarmonia e do vexame: Paulino estragando a festa dando o seu espetáculo de sempre não foi viajar como prometeu lá com o grupinho dele e agora ai minha Nossa Senhora o prédio amanhã vai estar em polvorosa vão comentar o papelão da casa dos pretos porque é assim mesmo que chamam a gente são capazes de chamar a polícia só pro escândalo aumentar. (CUTI, 1998, p. 43)

Essa situação causa o que Fanon denomina de “pele negra máscaras brancas”. Os afrodescendentes sofrem uma série de preconceitos étnicos e, por isso, como afirma Fanon, o sentido da sua ação estará sempre no branco, pois para o preto, somente o outro pode valorizá-lo.

Na tentativa de socialização por qual passa a maioria dos negros, a cunhada de Paulino (Zuleica) exemplifica a tentativa, de muitos negros, em ocultar as origens africanas. O negro normalmente se sente diferente dos outros, ele se inferioriza. Segundo Fanon, ele é inferiorizado e absorve essa condição, pois sua estrutura psíquica se revela frágil, ocorrendo, assim, um desmoronamento do seu ego. De acordo com Fanon (2008, p. 176), os pretos “se preocupam constantemente com a autovalorização e com o ideal do ego. Cada vez que entram em contato com um outro, advém questões de valor, de mérito”. O inferiorizado acredita que, adotar os valores brancos é estar se valorizando.

A cunhada de Paulino se orgulha de um alisamento nos cabelos, pois acredita que desse modo aproximou-se do modelo valorizado pelos brancos, uma vez que, como afirma

Figueiredo (1998, p. 72), “cada um busca no olhar do outro a admiração, cada um precisa comprovar o seu valor e o seu mérito através do reconhecimento do outro”.

É bonita e se orgulha de ter conseguido um perfeito alisamento dos cabelos. Desenvolvera o cacoete de jogá-los para trás. Adora dias de vento. Sentia um incômodo ao ver mulheres com seus cabelos naturais. A onda do cabelo Black fustigara Zuleica em sua vaidade. Várias vezes expressara-se contra: “Eu, hein!... Usar cabelo picumã? Eu Não!...”. (CUTI, 1998, p. 48)

O conto de Cuti mostra, por meio de exemplos, como os citados acima, como o negro colonizado vai perdendo progressivamente a memória dos seus valores nacionais e culturais, passando a adotar aqueles impostos pelos colonizadores. O negro (o colonizado) deixa, então, de existir na sua individualidade. Dessa maneira, o negro vive confrontando-se com a imagem negativa de si próprio, que foi imposta pelo colonizador, perdendo, assim, a sua identidade. Como assinala Figueiredo (1998, p.67), alguns negros não se imaginam como tal, pois para eles “negro é o outro, negro é o africano”.

O personagem Paulino aparece na trama para questionar essa situação. Ele é o único a assumir-se negro, tendo em vista que, os outros se apropriam dos valores do colonizador e “desprezam” o personagem, pois não conseguem compreender seu discurso.

Esse rapaz não anda bom a conversa dele já deu briga [...] não era revoltado desse jeito dever ser coisa daquela negrinha metida depois de conhecer ela mudou da água pro vinho lê esse mundaréu de livros [...] fala fala fala em prol da raça e agora quer estragar a festa dar show pra essa gente branca ver [...] ele faz mal de misturar tanto estudo com esse negócio de raça. (CUTI, 1998, p. 44-45)

O negro, quando tenta se igualar ao branco, o faz no intento de apagar as imagens estereotipadas que o mundo do branco lhe impôs. De acordo com Fanon (2008, p 133), “o indivíduo que ascende na sociedade - a branca, a civilizada – tende a rejeitar a família - a negra, a selvagem”. Como afirma Duarte (2005, p. 121), “tais sujeitos edificam para si a imagem de brancos e se tornam eles próprios agentes do preconceito”.

A família de Paulino é preconceituosa com a sua própria raça, pois renunciam sua cultura. O colonizado anula o seu ser e diante do autodesprezo

tenta trocar de pele, adotando aquela que lhe parece cheia de atrativos: a figura do colonizador. Para fazer isso, o colonizado é levado a renegar a sua família, os seus valores, as suas tradições culturais e abraçar aqueles do colonizador, que ele, naturalmente, passou a admirar. (FIGUEIREDO, 1998, p. 66)

Na sociedade moderna, nossos discursos são capazes de nos classificar como: bons e ruins, brancos e negros. Somos, dessa forma, categorizados e estereotipados por meio do discurso e, este, ao mesmo tempo em que nos põe como vítima nos leva a fazer do outro nosso refém. Segundo o pensador Homi K. Bhabha (1998),

reconhecer o estereótipo como um modo ambivalente de conhecimento e poder exige uma reação teórica e política que desafia os modos deterministas ou funcionalistas de conceber a relação entre o discurso e a política. A analítica da ambivalência questiona as posições dogmáticas e moralistas diante do significado da opressão e da discriminação. (BHABHA, 1998, p. 106)

De acordo com Bhabha, o discurso estereotipado foi usado pelos colonialistas (o branco) para oprimir e discriminar os seus colonizados (o negro). Conhecemos, até o presente

momento, o estereótipo do negro como alteridade, o estranho, o Outro. O colonizador o discrimina a ponto de os próprios negros se oprimirem.

Entretanto, a presença do personagem Paulino, nos faz ponderar outro discurso, pois enquanto a família (representação da maioria) consente à sua situação social, Paulino mostra outra visão, representando assim, o discurso de muitos jovens que militavam no Movimento negro, e mesmo do próprio Cuti. O personagem, apesar dos conflitos em família, expõe sua opinião:

- ouviram todos vocês? Eu acabo de dizer, com este exemplo nas mãos, da quebra da nossa identidade negra. Ouçam o nome de meu adorado sobrinho: Luizinho... Já não chega o sobrenome Oliveira! Luiz é nome de qual ancestral? Refere-se a qual ancestral? Refere-se a qual matriz cultural? É, minha gente, o nome é de origem francesa. Significa defensor do povo [...] que não é nosso povo. O meu sobrinho é, pelo significado do nome, defensor do povo francês. (CUTI, 1998, p. 46)

Os discursos de Paulino demonstram um radicalismo e uma aversão aos valores dos brancos. O personagem, em seu discurso, busca uma reflexão sobre a condição do homem de cor na sociedade brasileira, pois, geralmente, os negros assumem uma nova identidade cultural e, renegam suas raízes.

Minha família, depois de negar suas raízes, com esse batizado, ainda tenta me impedir de falar. A alienação é dupla. Querem me impor censura! Fosse o nome escolhido um nome africano, como por exemplo Kalungano, Sawandi, Kwame, Omowale, ou um nome dado por nossas verdadeiras religiões, e eu não estaria aqui dizendo essas palavras. Mas, com nome africano cartório põe areia, não é mesmo? E o que nós o fazemos? Recuamos, ao invés de reivindicar o direito à identidade cultural. (CUTI, 1998, p. 46-47)

O discurso do personagem Paulino é pertinente na medida em que busca resgatar sua cultura renegada. Entretanto, suas posições são extremadas, dado que, ele reivindica a presença apenas de seus valores culturais negros. Os personagens são negros, mas negros brasileiros, e a identidade brasileira, como sabemos, é resultante da miscigenação cultural e étnica entre diversos povos como o negro africano, o índio, o europeu.

O Batizado termina com a descrição de Luizinho (o sobrinho batizado) dormindo, tranquilo, tal descrição nos leva a concluir que, infelizmente, Luizinho logo enfrentará os conflitos que desde cedo atingem as crianças de cor.

A realidade vivida pelos negros, em sua maioria, é a tentativa de provar sua brancura aos outros e, sobretudo, a si mesmo. Quem renega essa condição (o negro que a combate) é considerado pelos brancos e, pelos próprios negros, com um ser alienado, por vezes, desprezível, pois ele “odeia” o branco. No entanto, não se trata de “odiar” o outro (o branco), mas da necessidade e da vontade de alguns negros, representados no conto pelo personagem Paulino, de se perderem na sua negritude, tendo em vista que somente assim recuperarão suas forças, suas autênticas forças, a fim de fazer-se reconhecer.

3 Considerações finais

Na literatura, a produção afrodescendente ainda é pouco reconhecida, pois a visão de mundo da coletividade, infelizmente, ainda é branca. No entanto, acreditamos que discutir a questão do negro já é interferir nos modos de pensar da sociedade.

O Batizado é um conto que faz do negro e da negritude personagem, tema, motivo, reflexão. Nesta obra, Cuti desmascara as oposições e os conflitos entre negros e brancos tão

eufemizados na sociedade brasileira. O autor critica os valores sociais impostos pelos brancos e a aceitação desses valores pelos negros. A imitação que os negros fazem dos brancos, para o personagem Paulino, é absurda, é renegar seus valores, pois a alteridade, para um negro, não devia ser outro negro, mas sim o branco.

Para o personagem Paulino (para muitos negros) sua luta não se fundamenta em “odiar” os valores brancos, mas pelo nascimento de um mundo de reconhecimentos recíprocos. O personagem quer fazer reviver aquilo que há de mais humano no Homem: a liberdade.

Dessa forma, examinando a situação dos negros na nossa sociedade, esse trabalho buscou contribuir para os estudos sobre a literatura afro-brasileira, uma vez que, ainda é insuficiente o número de pesquisas a respeito, assim como mostrar que a igualdade de oportunidades e espaços é necessária para o respeito à diferença.

Referências

- BHABHA, Homi K. A outra questão: o estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo. In.: **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. p. 105-128.
- CUTI. O Batizado. In.: **Cadernos Negros: os melhores contos**. São Paulo: Quilombhoje, 1998. p.43-49.
- DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura, política, identidades: ensaios**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005.
- FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FIGUEIREDO, Eurídice. Frantz Fanon e a psicopatologia do negro. In: **Construções de identidades pós-coloniais na literatura antilhana**. Niterói: Eduff, 1998. p. 63-76.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; MELLO, Francisco Manoel de. **Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002.